

mundo



Adeptos do naturismo se prepararam para pular em lago de clube esportivo ao norte de Berlim que é destinado ao movimento Fotos Divulgação

Alemanha assiste ao declínio do naturismo

Com dificuldade para atrair jovens, associação de praticantes vê número de filiados cair pela metade em 30 anos

Lucas Neves

PARIS O engenheiro electricista Christian Utecht, hoje com 59 anos, tinha 29 quando foi convidado por vizinhos na Berlim Ocidental a passar o domingo de Páscoa em um clube dos arredores da cidade.

À beira de um lago, famílias aproveitavam o sol daquele começo de primavera para recuperar algum bronzeado ou jogar vôlei de praia e ping-pong. Todos estavam nus —era a primeira experiência de Utecht e de sua mulher em um clube naturista.

A cena poderia se repetir nos dias atuais, mas com uma mudança-chave: o desfalque no número de “figurantes”.

A Freikörperkultur (cultura do corpo livre, conhecida pela sigla em alemão, FKK) vem perdendo adeptos há anos na Alemanha, um dos países em que o movimento mais se desenvolveu.

Ali, a associação nacional de naturistas viu sua filiação cair pela metade desde a década de 1980; conta hoje com cerca de 32 mil pessoas registradas. A tendência se repete em nível mundial, segundo a federação que reúne 41 associações nacionais.

Presidente do diretório da FKK nas regiões de Berlim e

Brandemburgo (no nordeste do país) desde 2016, Utecht diz ter conseguido manter o número de membros na casa dos 3.000, mas reconhece a dificuldade de rejuvenescer o movimento: os praticantes de carteirinha têm, em média, 40 e tantos, 50 anos.

“Há um ‘buraco’ na faixa de 16 a 30 anos”, afirma. “O problema são os ideais de beleza difundidos pela televisão e pelas redes sociais, essa perfeição do corpo fabricada com Photoshop. Os jovens veem isso e não querem mais tirar a roupa na frente de desconhecidos.”

O puritanismo é geralmente mandado às favas, diz Utecht, quando os casais têm filhos e se lembram das atividades oferecidas nos clubes de nudismo e da atmosfera “segura, acolhedora” encontrada ali. Outro obstáculo representado pelas redes sociais é sua política de publicação. Como promover online um espaço em que se circula sem roupa se por vezes até nus dorsais ou pouco nítidos são derrubados das plataformas?

A solução, segundo o engenheiro, é abrir o clube a vizinhos e curiosos para mercados de pulga primaveris, feiras de inverno, festivais para crianças. O público é acolhido nessas ocasiões por anfitri-



Praticantes do naturismo fazem acampamento no clube no começo dos anos 1950

ões vestidos. “O melhor método é o boca a boca”, diz ele.

Também jogando contra a expansão dos filiados, há o medo da exposição. O coquetel câmeras de celular de alta definição e redes sociais afugenta muitos que, em outras circunstâncias, experimentariam a prática.

Além disso, ventos que sopram de fora da Alemanha tornam o campo mais hostil à disseminação do naturismo. Por causa de turistas e de imigrantes mais tradicionalistas, os perímetros reservados a visitantes pelados em praias, lagos e parques têm dimi-

nuído, quando não desaparecido por completo.

“Temos sócios franceses, italianos e belgas, além de um com raízes africanas —mas só um”, contabiliza Utecht. “Mas os não europeus de fato não se sentem à vontade.”

Presidente da federação internacional, a austríaca Sieglinde Ivo faz coro: “Os imigrantes não conseguem lidar com a nudez, o que complica a prática em praias livres, não exclusivas. Por isso, acho que os naturistas vão voltar aos poucos para clubes e ambientes restritos”.

Além de presidir a associa-

ção da região em que mora, Utecht gerencia um clube para famílias nudistas ao norte de Berlim. Ali, casais (com ou sem filhos) pagam € 400 (R\$ 1.777) por ano para ter acesso a um lago com tobogã e trampolim, além de esportes ao ar livre —os solteiros desembolsam € 225 (R\$ 999).

Na temporada de frio, a turma migra para modalidades e instalações internas: badminton, ioga, ginástica, vôlei, sauna e piscina.

“Temos políticos, advogados, médicos e faxineiros entre os associados. Todos se chamam pelo prenome. Não

existe aqui ‘Sie’ [pronome formal em alemão, de uso equivalente ao de ‘senhor(a)’ em português]”, diz o engenheiro.

A prática do nudismo na Europa remonta no mínimo à Idade Média, mas a versão moderna do movimento se consolidou a partir do fim do século 19, com a criação dos primeiros clubes. Além da Alemanha, o naturismo ganhou simpatizantes rapidamente na França, Suíça e Áustria.

Foi proibido no Terceiro Reich (1933-1945), mas liberado após a guerra, ganhando impulso sobretudo na então Alemanha Oriental, onde as restrições de circulação faziam das escapadelas para a beira do Báltico um respiro bastante ansiado.

É essa sensação de liberdade e de distanciamento momentâneo das aflições da cidade que ainda hoje os adeptos destacam como maior atrativo.

“Gosto de como a gentileza, a tolerância e a proteção da natureza e de todas as coisas vivas são colocadas em primeiro plano na FKK”, afirma Ivo.

Para Utecht, 30 anos depois daquela Páscoa (de) descoberta, o apreço pelo nudismo é mais prosaico. “A melhor coisa é não ter que se sentar ou andar com o calção molhado depois de nadar.”

Sudão sela acordo entre militares e oposição

CARTUM (SUDÃO) | REUTERS E AFP O Conselho Militar que governa o Sudão e lideranças de oposição que vinham há meses organizando protestos se reuniram para assinar, neste sábado (17), uma “declaração constitucional” que abre caminho para uma transição de poder para os civis.

O documento sela um acordo histórico que prevê um período de alternância temporária de comando por cerca de três anos, com eleições previstas para 2022. A negociação entre os militares e a aliança opositora durou meses, durante os quais hou-

ve protestos reprimidos com violência e mortes.

Os dois lados já haviam sinalizado ter chegado a um entendimento, em julho, quanto aos termos para uma transição negociada. A mediação da União Africana e de países como Etiópia e Estados Unidos foi determinante para que manifestantes e governo sentassem para conversar.

O Sudão vive a instabilidade de um governo militar provisório desde a derrubada do ditador Omar al-Bashir, que comandava o país desde 1989, por um golpe do Exército em abril. Durante os meses de

protestos que exigiam a deposição de al-Bashir, dezenas de manifestantes foram mortos. Hoje, o ex-ditador é procurado por crimes de guerra.

O país vive grave crise econômica, e sua estabilidade é vista como crucial para a região volátil da África onde se situa, que também observa insurgências na Líbia e no Egito.

O acordo foi recebido com alívio por ambas as partes: os manifestantes enxergaram como uma vitória de suas demandas revolucionárias para o país, e os militares se atribuíram o mérito de ter evitado a eclosão de uma guerra civil.

Assinaram o documento deste sábado Mohammed Hamdan Daglo, número dois do Conselho Militar, e Ahmed al-Rabie, representante da Libertade e pela Mudança (ALC), que vinham trabalhando na redação do documento desde o início do mês. Estavam presentes chefes de Estado de países como a Etiópia e o Sudão do Sul.

Está previsto para este domingo (18) o anúncio de qual será a composição do Conselho Soberano, de maioria civil, encarregado de levar adiante a transição.



Sudaneses celebram acordo na capital, Cartum Jean Marc Mojon/AFP